

# O ENSINO DE GRAMÁTICA NO CONTEXTO DO CAMPO

Francine Nilma Perpetuo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, francinenilma93@gmail.com

**Resumo:** O presente estudo trará um breve ensaio sobre a minha trajetória e expectativas em relação ao curso Licenciatura em Educação do Campo (LEC) e, também trará reflexões acerca do que é ser professor de Linguagens e códigos no contexto do campo.

**Palavras-chave:** Gramática, Educação do Campo, Educador, Preconceito Linguístico.

## 1. Introdução

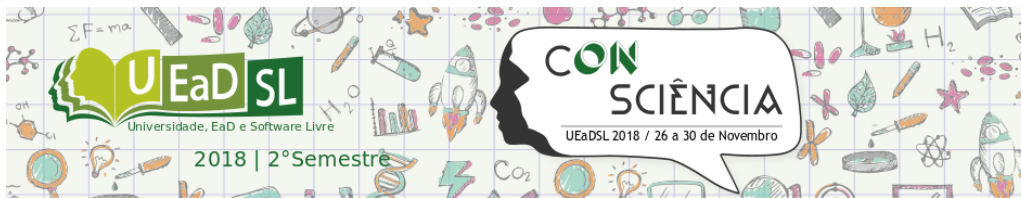
O presente estudo foi feito com embasamento teórico de autores estudados nas disciplinas de Linguística Aplicada e Sintaxe da Língua Portuguesa do oitavo período do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Linguagens e Códigos da Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

No primeiro momento tentarei apresentar um pouco sobre a minha trajetória e expectativas durante a graduação no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC). Logo após será apresentado uma parte teórica do ensino de gramática na atualidade.

## 2. Trajetória na LEC

A minha trajetória na LEC enquanto estudante me proporcionou vários conhecimentos, desde as noções de território, até mesmo a valorização dos conhecimentos tradicionais existentes em minha comunidade: Quilombo Raiz, que se situa na zona rural de Presidente Kubitschek, Minas Gerais, e é constituído por 26 famílias, as quais praticam plantações com roça de toco, criação de animais, coleta de flores sempre-vivas e o artesanato feito com uma das espécies presentes no





local: o capim dourado. Vejo atualmente que se tratam de elementos que, antes do que foi aprendido no curso sobre identidade e território, por exemplo, talvez eu não reconhecesse ou valorizasse tanto.

Entendendo a LEC como uma política pública recente que valoriza os sujeitos do campo, inicio nessa reflexão a partir de minha própria trajetória e meu ingresso na universidade. Sempre quis fazer um curso superior, porém achava difícil porque eu teria que me mudar pra outra cidade. Quando fiquei sabendo do curso de Licenciatura em Educação do Campo, curso com modalidade de alternância, logo me interessei, pois assim eu poderia estudar e mesmo assim continuar em minha comunidade.

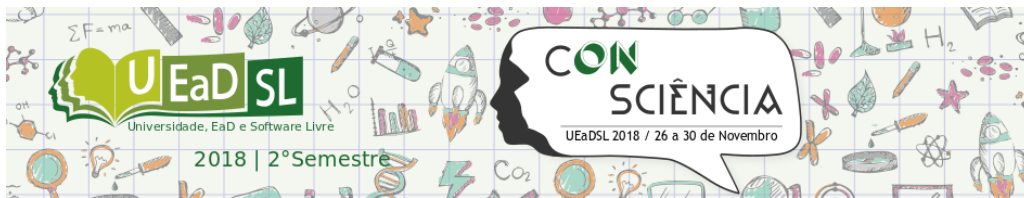
Essa formação acadêmica no formato de alternância permite que os jovens continuem suas atividades no campo, seus vínculos com a terra e com os familiares e possam reproduzir seus modos de vida tradicionais. Como afirma Araújo (2007, p.63):

Em relação à Pedagogia da Alternância, ficou evidenciada a valorização que lhe é atribuída, pois ela permite aos jovens que moram no campo combinar a formação escolar com as atividades desenvolvidas na propriedade familiar, sem se desligarem da família e da cultura do campo. A alternância entre o meio escolar assegura ao estudante a formação teórica e prática, o fazer e o pensar, ação-reflexão-ação.

Interessante ressaltar que, antes de ingressar na Licenciatura em Educação do Campo, eu não tinha uma visão muito boa de ser professora, pois sempre ouvi reclamações da profissão, do salário e eu tinha uma ideia ruim de como seria. Mas ao ingressar na LEC e com as experiências dos estágios supervisionados eu fui me acostumando com a ideia e hoje eu quero sim, ser professora. Mesmo percebendo que ser um educador não é nada fácil como ressalta Freire (1996, p. 47).

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidades, as perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não de transferir conhecimento.





Portanto, ser um educador não é transferir conhecimento, tem que ouvir o aluno, talvez como um ponto de partida, pois o aluno não vai pra escola vazio ele leva consigo indagações, posicionamentos, dúvidas e conhecimentos. E o educador tem que encontrar soluções e possibilidades para mediar tais saberes da forma que não seja apenas transferir o conhecimento e sim, ensinar.

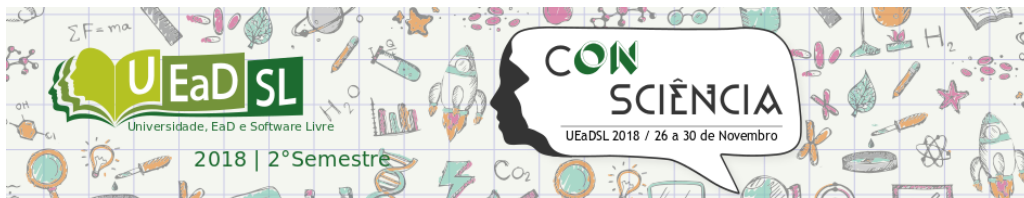
O fato é que, ao fazer uma análise retrospectiva desse período, é possível perceber que durante esses quatro anos na LEC houve mudanças em minha vida e em minha comunidade. Isso porque o processo propiciado pelo curso de estar na perspectiva de estudante estudar e aprender a valorizar a identidade campesina, tanto quanto a identidade quilombola, sempre levou em conta a dimensão comunitária. Assim, nas pesquisas, nos trabalhos, nas reuniões, o conhecimento ia sendo construído e também sendo colocado em reflexão com a comunidade, o que acabou transformando de certa forma a vida das pessoas. Um dado numérico interessante é que hoje na comunidade de Raiz que conta com aproximadamente 95 habitantes, já são 12 alunos que ingressaram no ensino superior, o que já é uma grande mudança, pois, em 2013 havia apenas duas pessoas da comunidade que foram os primeiros a se ingressarem no ensino superior.

Através dos trabalhos foram feitas várias pesquisas no Quilombo, sobre seu surgimento, economia, escolas, até mesmo biografia de um morador da comunidade, fiquei conhecendo várias coisas sobre a mesma que não conhecia antes, de certa forma passei a enxergar a minha comunidade com outro olhar.

### 3. O ensino de gramática

A partir do que foi apresentado na seção anterior, coloca-se um desafio concreto relevante para o educador do campo na área de linguagem: como trabalhar nas escolas a questão da língua e o ensino de gramática? Qual a relevância disso no processo de ensino e aprendizado do estudante?





Sabe se que o ensino de gramática nas escolas encontra-se distante da realidade dos alunos e está ligado ao dialeto padrão, não estabelecendo uma relação entre essa teoria estudada e a prática do uso da língua. Conforme afirma Travaglia (2001, p. 24):

A gramática só trata da variedade de língua que se considerou como a norma culta, fazendo uma descrição dessa variedade e considerando erro tudo o que não está de acordo com o que é usado nessa variedade da língua. Tudo o que foge a esse padrão é “errado” (agramatical, ou melhor dizendo, não gramatical) e o que atende a esses padrões é “certo” (gramatical).

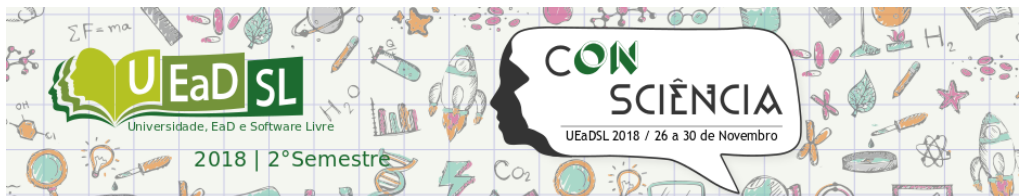
Para os alunos, a gramática acaba se tornando apenas um conjunto de regras e ordens a serem obedecidas. Portanto, seria necessário reconsiderar essa forma de ensino, para que este não se limite apenas a regras ou saber o que é certo e errado, mas fazer uma reflexão sobre o uso e as funcionalidades reais da língua. Percebe-se o quanto é relevante que os estudantes analisem e tenham em mente a importância e o respeito a cada variação linguística, mas também conhecendo a gramática e percebendo a importância desse conhecimento que é cobrado nas instituições formais. Como ressalta Possenti (1996 p 84):

“o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade, aí incluída claro, a que é peculiar de uma cultura mais “elaborada”. É um direito elementar do aluno ter acesso aos bens culturais da sociedade, e é bom não esquecer que para muitos esse acesso só é possível através do que lhes for ensinado nos poucos anos de escola”.

Nessa perspectiva, é preciso que os professores trabalhem com a gramática normativa, mas também com a língua em uso, fazer com que o aluno aprenda sobre o substantivo, mas desde que seja com textos dos próprios alunos, ou seja, tentar contextualizar e dar um propósito funcional a esse tipo de atividade. E trabalhar mais com a gramática descritiva a qual Possenti (1996 p. 64) descreve como:

“conjunto de regras que são seguidas (...) cuja preocupação é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas. Neste tipo de trabalho, a preocupação central é tornar conhecidas, de forma explícita, as regras de fato utilizadas pelos falantes (...) todos os que falam sabem falar, e isso significa que seguem regras, já que grupos de falantes ‘erram’ de maneira organizada, isto é, regrada.”.





#### 4. Considerações Finais

Percebe - se, portanto, a importância da questão de preconceito variação linguística dentro da sala de aula com mais aprofundamento, para que diminua o preconceito existente nas pessoas, que reduz a diversidade da língua a duas possibilidades: o “falar certo” e o “falar errado”.

A importância de trazer para a sala de aula também o conceito de uma gramática que vai de acordo com a realidade do aluno, que faça sentido ao seu modo de falar e escrever.

Quanto a minha comunidade, já foi escrito um novo Projeto Político Pedagógico, para a escola da comunidade que atualmente se encontra fechada, devido a nucleação. Esse Projeto Político Pedagógico foi construído pela comunidade com ajuda de professores parceiros das Universidades (UFJF), (UFMG) e (UNIMONTES). Esta será reaberta como uma escola quilombola, uma escola contextualizada que vai ter tudo a ver com a nossa formação na LEC. Espero poder contribuir muito mais com a minha comunidade através dessa nova escola, e desse novo ensino como professora de Linguagens e Códigos.

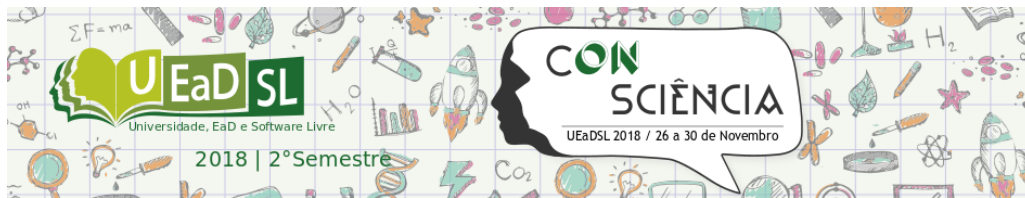
Acredito que será um pouco desafiador esse processo, pois é algo novo na comunidade para um professor de linguagens nesse contexto de educação quilombola e no campo, esse educador teria que valorizar o conhecimento trazido dos alunos, respeitar de certa forma a variação linguística de cada estudante, ensinar a gramática aos alunos através de seus próprios textos produzidos de acordo com cada especificidades tomando cuidado para não continuar reproduzindo o conhecimento tradicional que só trata gramática certa aquilo que se diz norma padrão.

#### Referências:

ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães. A Alternância na formação do jovem do







campo: o caso da escola Família Agrícola de Angical (BA). In: **Educação na Alternância: cidadania, e inclusão Social no Meio Rural Brasileiro**. (orgs). OLIVEIRA, Adão, Francisco de. NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. – Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico- o que é como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINAS GERAIS, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Proposta Curricular: língua portuguesa, ensino fundamental e médio. Disponível em <[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/banco\\_objetos\\_crv/%7BBB6AC9F9-ED75-469E-91A4-40766F756C2D%7D\\_LIVRO%20DE%20PORTUGUES.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BBB6AC9F9-ED75-469E-91A4-40766F756C2D%7D_LIVRO%20DE%20PORTUGUES.pdf)> Acesso em 05 de setembro de 2018.

POSSENTI, Sírio. Porque (não) ensinar gramática na escola. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 6. ed. –São Paulo: Cortez, 2001.

